

Documentando a Dor: Como Demi Lovato Tornou-se Mais Forte Diante Das Câmeras¹

Douglas RAMOS²

Igor SACRAMENTO³

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho analisa como o ethos terapêutico aparece no documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, produzido pela MTV, observando as encenações do íntimo em público, as implicações dessa exposição e como a narrativa a respeito do célebre e seus distúrbios se conecta à cultura terapêutica. Busca-se, também, entender como o célebre articula sua reputação em uma época marcada pela cobrança na capacidade do indivíduo em gerenciar-se de maneira sustentável. Por fim, com base no documentário, o artigo se esforça na busca de pistas sobre como a superação da dor em público aproxima ídolo e fã, auxiliando na reconfiguração da ideia de herói na contemporaneidade.

Palavras-chave: celebridades; fãs; narrativa terapêutica; superação; herói

Introdução

Na cultura das celebridades, o fascínio pelo privado é assumido. O interesse pelo célebre vai além de seus feitos e aptidões, culminando na investigação e exposição de questões e fatos da vida privada. Desse modo, notícias e situações construídas com o propósito de potencializar a visibilidade do sujeito são mais valiosas se revelarem sua intimidade.

Ainda que as estrelas do cinema e da música se esforcem em fugir dos holofotes e flashes dos paparazzi, não podem deixar de aparecer, afinal, é preciso ser visto para que o talento seja reconhecido. A questão é que até mesmo a aparição necessita de um cuidado em seu manejo. Mesmo que o talento seja uma prioridade, é inevitável fugir das investidas à vida privada, e saber ceder a elas pode ser um trunfo. Analisar essa gestão de si faz-se interessante não apenas aos fãs, que se

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação no 4º. Semestre do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: douglas.n.ramos@hotmail.com

³ Orientador. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professor da Escola de Comunicação da mesma instituição. E-mail: igorsacramento@gmail.com.

questionam e buscam compreender os artifícios usados pelos ídolos, mas, também, à academia, que enxerga nesses exemplos uma oportunidade de estudar, sugerir e identificar fenômenos.

O sucesso é inspirador, invejado e almejado, mas não tão interessante quanto o fracasso. E melhor se combinar fracasso pessoal e profissional. Ao longo da última década, cada vez mais celebridades acometidas pelos mais variados tipos de problemas ganharam algum destaque. O que nos fascina nelas não é somente a perfeição, o carisma, a modéstia e outros atributos quase sobre-humanos em que podemos nos realizar enquanto idolatramos, mas suas falhas. Ao mesmo tempo que as celebridades são elevadas a seres mitológicos, há uma preocupação em desvelar essa aura e expôr o que há de humano, afastando-as do status de semideuses como proposto por Morin (2011).

A cultura terapêutica está ligada a essas questões por meio de narrativas apresentadas como biografias, documentários, entrevistas etc. Cada qual com suas peculiaridades e alcances. A catástrofe contada, o testemunho documentado e o sofrimento gravado e editado fazem parte da encenação da intimidade no público (REDMOND, 2006), tão marcante na cultura das celebridades. Os documentários musicais sobre jovens estrelas da música pop e utilizando-se de recursos do gênero autobiográfico surgem como favoritos.

A narrativa terapêutica é adequada ao autobiográfico porque a “identidade é descoberta e expressa na experiência do sofrimento e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar a história” (ILLOUZ, 2011, p. 78). Enquanto no século passado as narrativas de autoajuda estavam pautadas na ideia de sujeito desconhecido ou pobre que ascende socialmente com valores sólidos e um bom gerenciamento de si, o *self-made man*; hoje, essas histórias dão lugar a narrativas sobre pessoas que já experimentaram o sucesso, mas ainda sofrem.

Produzido pela MTV, *Demi Lovato: Stay Strong*, é um filme de aproximadamente uma hora de duração no qual Demi relata os problemas que vieram com a fama e os traumas da infância. O material é dividido em blocos que narram a história da ex-estrela da Disney e o retorno à carreira musical após três meses de tratamento numa clínica de reabilitação. Mais do que a exposição do lado humano,

frágil e falho de um ícone juvenil conhecido internacionalmente, é uma história de superação sendo contada em frente as câmeras numa narrativa, sobretudo, sensacional.

Este artigo tem o propósito de analisar pontos expostos no documentário e entender como a narrativa terapêutica se faz presente, como se constrói um arquétipo em alta na cultura pós-moderna como o do célebre que possui distúrbios e, finalmente, até que ponto esse novo modo de gerenciar a carreira por meio de uma discussão do privado no público podem nos dar pistas de uma reconfiguração das noções de heroí em nosso tempo.

Como As Coisas Ficaram Fora De Controle

Na parte que inicia o documentário, Demi se prepara para a noite de estreia de sua primeira turnê após a saída da reabilitação. Num apanhado de sua carreira, que começou aos sete anos em *"Barney e Seus amigos"* e viu seu ápice no filme *"Camp Rock"*, já aos 14 anos, ela revela o outro lado de crescer diante do público e se converter numa adolescente confusa, tendo que conciliar a vida normal com turnês e gravações de álbuns, filmes e séries de tv. Lovato conta que se encontrava exausta enquanto realizava uma turnê com os Jonas Brothers, trio com o qual mantinha uma relação mais do que profissional, já que namorava um dos vocalistas, Joe Jonas. Numa das viagens, já afetada pelos períodos de hiperprodutividade, perdeu o controle e agrediu uma das dançarinas da turnê. Foi o estopim para sua internação no centro Timberline Knolls por diversos problemas físicos e emocionais.

Artistas que cresceram sob os holofotes possuem mais chances de cair num estado de desequilíbrio. Anos frente às câmeras, conciliando a vida de uma criança normal com a de uma criança prodígio poderiam resultar em situações de pressão, confusão e superexposição responsáveis por fazer uma mente jovem e despreparada ruir. O que é mostrado nesse trecho adequa-se à visão proposta por Eva Illouz (2011) de que a narrativa terapêutica é feita de trás para frente, buscando identificar, na trajetória de vida, uma complicação responsável por impedir a autorrealização.

A cultura das celebridades tem dupla face: eleva e destrói, e é preciso estar preparado para encarar os dois lados. Enquanto uns caem no ostracismo, outros são

alçados ao sucesso, e a competição para estar em evidência é cada vez mais acirrada. Muitos canalizam suas *disorders* para manter-se ativos nesse ambiente tão agressivo.

Através da narrativa terapêutica é possível expôr sentimentos privados e discutí-los em público. Um processo que, ao mesmo tempo que admite uma incapacidade do ser em administrar-se de maneira eficiente, desperta no outro a compaixão e a admiração por meio da confissão, esta, por sua vez, associada a valores como sinceridade e coragem. Artistas da indústria fonográfica, como Demi Lovato, transformam suas aflições em inspiração e produto para expurgar os males. No entanto, se o produto, seja ele uma composição, uma performance ou um videoclipe, estiver motivado ou relacionado aos problemas enfrentados pelo sujeito que sofre, melhor ainda. Desse modo, é possível converter a dor e falha em vantagem:

“From drug abuse to eating disorders, contemporary media often present the grimy ‘reality’ as well as the glossy image of celebrity. In a world which the failures of celebrities are as profitable as their successes, it is vital for media critics to consider how cultural industries and media audiences negotiate and exploit images of celebrity distress” (HARPER, 2006, p. 313-314)⁴

Uma das características da narrativa terapêutica é capacidade de criar nichos de mercado. Ao passo em que, segundo Illouz (2011), a narrativa terapêutica postula a normalidade, a autorrealização, produz também uma ampla variedade de indivíduos não autorrealizados. Assim, essas pessoas se tornam alvos dos mais variados setores da indústria por encaixarem-se em grupos que precisam de algum tratamento terapêutico.

Encontrando Um Propósito Maior

Sentindo-se pressionada pela intensa rotina de trabalho e aflita na busca interna do eu, questionando a si mesma sobre ser um bom modelo para as crianças e adolescentes que a seguiam sem imaginar os problemas com os quais estava lidando, Demi havia perdido o controle e a confiança. No entanto, concluiu que finalmente poderia se tornar um modelo mais honesto para alguém. Seu propósito maior se tornou inspirar as pessoas e ajudá-las a passar por seus problemas. Na internet, em comentários

⁴ “Do abuso de drogas aos distúrbios alimentares, a mídia contemporânea muitas vezes apresenta a ‘realidade’ suja bem como a imagem brilhante da celebridade. Em um mundo onde as falhas das celebridades são tão rentáveis quanto os seus sucessos, é vital para os críticos de mídia considerar como as indústrias culturais e o público negociam e exploram imagens de desgraça da celebridade.” (tradução)

de vídeos da cantora, é possível encontrar depoimentos de pessoas que se sentem inspiradas ou de alguma maneira sentiram que ela as ajudou a superar adversidades:

“Demi's story has really helped me in my life and to always go after my dreams :)”

“Demi has helped so many people. She didn't use this to become famous she already was. She used her fame to be outspoken about her issues and to help others. She isn't perfect, but she is a great role model. I know for a fact she has saved many lives. Demi loves her fans and we love her.”

“She is truly inspirational. She's human. She's real and she did not hide a thing. That right there takes true strength and courage. Props to Demi!”

“I have fought a lot of the same battles of starving, purging and self harm as demi has. it is nice to have the reminder that you should never give up, and always stay strong. no matter what happened the previous day, recovery is an everyday battle and relapses are going to happen. Thanks demi for helping keep me strong and fighting!”⁵

O sofrimento humaniza e aproxima o artista dos espectadores. Ainda que a dor possa ser encenada e a sensação de espiar o íntimo, construída, participar do processo de revitalização de seu ídolo desperta nos fãs a coragem para encarar os próprios fantasmas e não serem apenas coadjuvantes. No caso de Demi Lovato, ir aos shows pode ser tomado como um momento de catarse coletiva, onde todos se libertam de suas aflições e vivem um momento de autorrealização com ela . Essa lógica se estende ao escutarem suas músicas, assistirem seus vídeos ou lerem suas entrevistas, já que:

"A narrativa terapêutica da autorrealização tem ampla penetração por ser praticada numa grande variedade de locais sociais como grupos de apoio, programas de entrevistas, aconselhamento, programas de reabilitação,

⁵ “A história de Demi realmente me ajudou na minha vida e a sempre ir atrás dos meus sonhos :)”

“Demi tem ajudado muitas pessoas. Ela não usa isso para se tornar famosa, ela já era (famosa). Ela usou sua fama para ser franca sobre seus problemas e ajudar os outros. Ela não é perfeita, mas ela é um grande modelo. Eu sei pelo fato de que ela já salvou muitas vidas. Demi ama seus fãs e nós a amamos”.

“Ela é verdadeiramente inspiradora. Ela é humana. Ela é real e ela não esconde nada. Aquilo ali tem verdadeira força e coragem. Meus respeitos para Demi!”

“Lutei um monte das mesmas batalhas contra fome, vômito e auto-mutilação como demi. é bom ter a lembrança de que você nunca deve desistir, e sempre ficar forte. não importa o que aconteceu no dia anterior, a recuperação é uma batalha diária e recaídas vão acontecer. Obrigado demi por ajudar a me manter forte e lutar!”

Disponível em <http://www.mtv.com/videos/news/746180/demi-lovato-stay-strong-how-things-got-out-of-control.jhtml> e em <http://www.mtv.com/videos/news/746197/demi-lovato-stay-strong-finding-a-bigger-purpose.jhtml>. Acessado em 10 de Julho de 2014.

seminários remunerados ou a internet: todos são lugares para a atuação e a reatualização do eu" (ILLOUZ, 2011, p. 72)

O Primeiro Dia de Ação de Graças fora do Tratamento

Demi relata seus problemas alimentares e lembra que seu peso e corpo a incomodavam desde muito pequena. Conforme os anos passavam, a culpa e a vergonha aumentavam. A separação dos pais, de uma perspectiva psicológica, poderia ser considerada um fator que cooperou para o surgimento dessas inseguranças, mas a própria sentia que já havia nascido com essas questões uma vez que não se sentia boa o suficiente no que fazia desde muito cedo.

Apesar do tom da condição na qual Demi se encontra, a situação supera o trágico. Existem outras forças em jogo. O que vemos é uma narrativa essencialmente melodramática, que não se ancora num problema único, uma catástrofe original, mas que apresenta diversas complicações. Demi precisa encarar a dura tarefa de governar a si mesma numa tensão entre a “obrigação em ser livre” e a necessidade de conduzir-se racionalmente (ROSE, 1990, p.231). Não se trata apenas do peso das escolhas, mas do peso em escolher.

Mesmo depois da reabilitação, encarar o dia de ação de graças, um evento familiar e onde há muita comida, é um desafio. Demi precisa comer, mas precisa comer moderadamente. E se não for capaz de controlar a quantidade de comida ingerida, deve ao menos ser capaz de não forçar o vômito. Uma recaída seria desapontar a si mesma e todos aqueles que depositaram fichas em sua recuperação.

Uma Bela fã

Não é apenas Demi Lovato quem inspira os fãs, mas é inspirada por eles num grande exercício terapêutico. Ao ver que finalmente conseguiu ser um modelo pelos motivos que acreditava serem dignos de exemplo, alguém real que superou problemas reais e não apenas um ícone de moda ou beleza, ela se esforça para que seus fãs se sintam como ela e possam encontrar forças aceitando quem são:

“Mental illness bears a promotionally ad journalistically useful relation to definitions of artistic 'credibility'. In this sense, mental illness fulfils a double

function in contemporary culture: not only does it guarantee a celebrity's 'reality' as a suffering subject 'just like us'; it also contributes to the perception of his (for it is usually *his*) artistic authenticity” (HARPER, 2006, p. 316)⁶

Nessa quarta parte do documentário, Demi Lovato passa por momentos de insegurança. Logo após o “*Thanksgiving*”, um show estava programado e Demi sentia-se incapaz de realizá-lo, pois acreditava que o público notaria o ganho de peso instantâneo quando a visse. Durante um *meet & greet* com os fãs antes do concerto, Demi conhece uma fã com câncer. A garota conta que resolveu ir ao show sem peruca pois se sentiu inspirada por Demi a ser quem é e encarar a doença. Em tese, ela não precisaria do cabelo já que tinha coragem e um ídolo que também conseguiu expôr pontos delicados a respeito de seus próprios problemas.

Visitando Timberline Knolls

A estrela resolve voltar à clínica de reabilitação que permaneceu durante o tempo em que esteve internada. Ao dar um discurso para outras pessoas ainda na clínica, Demi se torna mais humana e, ao mesmo tempo, se torna superior. É, como qualquer mortal, suscetível a fracassos, mas conseguiu superá-los.

Essas histórias sobre personalidades mentalmente doentes também desempenham um importante papel ideológico à medida que narrativas sobre pessoas que “passam pelas adversidades” apoiam ideologias neoliberais de meritocracia e o individualismo competitivo. (HARPER, 2006, p. 314).

A combinação entre individualismo e igualitarismo é um fator determinante para a consolidação da cultura das celebridades na sociedade norte-americana, e por que não, da cultura terapêutica? Segundo Hollander (2011), trata-se de um individualismo que envolve “uma forte convicção sobre a singularidade da própria pessoa e a crença nos seus potenciais ilimitados”. Assim, torna-se cada vez mais comum que as pessoas tenham o desejo de se tornarem bem sucedidas, o que pode significar a fama. Observando os exemplos presentes na mídia, percebemos que uma

⁶ “A doença mental carrega um anúncio promocional jornalisticamente útil para as definições da ‘credibilidade’ artística. Neste sentido, a doença mental cumpre uma dupla função na cultura contemporânea: não apenas garante a ‘realidade’ de uma celebridade como sujeito sofredor ‘igual a nós’; também contribui para a percepção de sua (pois normalmente é a sua) autenticidade artística.” (tradução).

personalidade excêntrica e um mínimo de beleza são suficientes para a criação de uma celebridade. Logo, qualquer pessoa que se considere única – e na cultura contemporânea todos são crentes de sua singularidade e autenticidade –, pode almejar converter-se em uma celebridade, mesmo sem talento.

A ideia de que a sorte dos indivíduos não está mais ligada à tradição é reforçada pelo igualitarismo. Qualquer um pode ser senhor do seu próprio destino e alcançar tudo quanto desejar em todos os setores da vida. Se o igualitarismo reforça a convicção de que todos podem chegar ao sucesso, a celebridade surge como a personificação desse êxito.

Por meio da terapia é possível desnivelar, em determinada instância, o abismo entre o célebre e o anônimo porque ambos sofrem e ambos podem se recuperar. A característica da narrativa terapêutica em ser praticada nos mais variados ambientes sociais gerou mudanças em como esses espaços passaram a utilizar os discursos terapêuticos. Na televisão, por exemplo, “a narrativa terapêutica estruturou a modalidade de fala e confissão do gênero de entrevistas” (ILLOUZ, 2011, p. 75). Fato observado através do mais notável show de tv ligado à terapia: o programa da Oprah.

A confissão é um ponto fundamental em programas de entrevista porque demonstra como a exposição do íntimo da celebridade atua para torná-la mais real à medida em que se estabelecem tensões entre autenticidade, testemunho, confissão e intimidade (KING, 2012). Oprah procurava encorajar a exposição pública de aspectos da intimidade. Os convidados relatavam seus problemas pessoais – dificuldades que também afetavam grande parte dos espectadores – e recebiam as devidas orientações. Observa-se a promoção de um conteúdo de autoajuda associado a uma narrativa terapêutica, propondo uma superação dos obstáculos à autorrealização. Portanto, seu discurso central está ligado à ideia de que, com persistência, disciplina e autoestima, qualquer indivíduo é capaz de se aperfeiçoar, de exercer seu imenso potencial e chegar aonde deseja.

“O programa da Oprah se beneficiou muito do encorajamento cultural americano contemporâneo da diluição ou do completo descarte da fronteira entre o privado e o público, o pessoal e o social. O seu programa fundava-se no encorajamento da revelação pública do eu, sem hesitações e sem embaraço, incluindo os segredos mais dolorosos e os atributos menos favorecedores. A sua principal mensagem é a de que toda a gente se pode

redimir e a de que, com determinação, todas as vítimas podem deixar de o ser.” (HOLLANDER, 2011, p. 69)

É importante, entretanto, ressaltar como as entrevistas na cultura contemporânea estão marcadas por algo que vai além da confissão: o testemunho, que atua como legitimação do discurso. Aquele que fala é aquele que viveu e sentiu, presenciou o que narra e é, mais do que ninguém, o indicado a falar sobre seus problemas, construindo um “retrato” da experiência (ARFUCH, 2010).

No caso de Demi, apesar de não contar com auxílio de uma Oprah, “dar a volta por cima” e retomar sua carreira de forma brilhante e inspiradora após os variados problemas de ordem física e psicológica que passou, despertará nos espectadores a ideia de que também podem se autorrealizar. A sinceridade e a ênfase na autenticidade, auxiliada por um discurso caloroso e visando a pessoalidade, transformam a abertura dos sentimentos privados numa espécie de mérito (SENNET, 1999).

Ainda que não gozem dos privilégios de uma estrela da música pop, espectadores não carregam o fardo de lidar com seus distúrbios publicamente, o que, em alguns casos, pode explicitar ao público a incoerência de um artista que se antes exibisse saudável é porque na verdade sufocava suas aflições. É justamente a Lovato falível que, através de um narrativa terapêutica, promove uma aproximação entre o modelo famoso e os ouvintes anônimos, alimentando nos que escutam a ideia de que são tão capazes quanto ela e que um dia também poderão se converter em modelos.

Celebrando o Caminho Para a Recuperação

Como é de praxe nessas narrativas, há estágios de equilíbrio, distúrbio e recuperação. O que cabe ressaltar é que a recuperação, no mundo real, raramente é tão “simples e triunfante” como mostrada na ficção (HARPER, 2006, P. 314).

Demi Lovato é uma das líderes para o segmento juvenil da indústria fonográfica, chamado *teen pop*. Se as obrigações da profissão podem ser, em alguns casos, torturantes e destruidoras, voltar à ativa pode ser o gás necessário para a cura e disseminar a experiência vivida.

As narrativas de problemas mentais são comuns na cultura das celebridades. Segundo Harper (2006), a grandeza de um célebre e seus problemas mentais

permanecem inter-relacionados na cultura ocidental contemporânea na dimensão em que os distúrbios mentais são “símbolos da grandeza pública e da vulnerabilidade privada” (HARPER, 2006, p. 314). Aquele que sofre tem dificuldade em racionalizar, de controlar seus sentimentos e instintos, de filtrar-se. Seus feitos, dos mais artísticos aos mais banais, estão sujeitos às emoções, suas produções ganham uma aura catártica. Mais valor tem aquele que deixa transparecer sua humanidade e, claro, sua loucura. E essa loucura se faz importante numa dimensão de que somente um gênio torturado pode produzir uma obra grandiosa, autêntica.

A exemplo de Lindsay Lohan, outra ex-estrela da Disney que passou por clínicas de reabilitação e também traduziu sua intimidade em música, Demi lança o que talvez seja seu álbum mais emblemático: “*Unbroken*”, primeiro álbum de estúdio pós-reabilitação. Inquebrável é como Lovato se sente após tantas provações. E o álbum vai além dos problemas recentes, toca em temas complicados do passado como os conflitos familiares e a separação dos pais. Em “*For The Love Of A Daughter*”, a filha pede a seu pai bêbado que “abaixe a garrafa”. Indo por um caminho mais profundo, ela entrega aos fãs uma espécie de trilha sonora da dor.

No primeiro single do álbum, a balada “*Skyscraper*”, Demi revela sua fragilidade através de um vocal sofrido e letra inspiradora, anunciando que se levantará do chão como um arranha-céu:

*As the smoke clears
I awaken and untangle you from me
Would it make you feel better
To watch me while I bleed
All my windows, still are broken
But I'm standing on my fee*

*You can take everything I have
You can break everything I am
Like I'm made of glass
Like I'm made of paper
Go on and try to tear me down
I will be rising from the ground
Like a skyscraper
Like a skyscraper⁷*

⁷ Como a fumaça se dissipa
Eu desperto e dessamarro você de mim
Você se sentiria melhor
Ao assistir enquanto eu sangro?
Todas as minhas janelas ainda estão quebradas

“Skyscraper” logo se tornou um *top 10 hit* na principal parada musical dos Estados Unidos, a “Billboard Hot 100” e permaneceu 15 semanas no *chart*⁸. O canção alcançou o status de disco de platina ao vender mais de um milhão de *downloads* nos Estados Unidos. O público em geral estava curioso pelo retorno de Demi, talvez não porque a levasse a sério como artista, mas pela expectativa de como uma estrela saída da Disney, moldada para se perfeita, retomaria a carreira. A crítica especializada definitivamente não a ignorou e avaliou o álbum com críticas positivas ou mistas:

*“In the past year, Demi Lovato faced rehab and lost her role on a Disney Channel sitcom, her princess-next-door image shattered. On her third LP, her newfound vulnerability sometimes makes for good songs: “Would it make you feel better to watch me while I bleed?” she challenges an ex (or a tabloid-fixated public) on the tear-jerker ballad “Skyscraper,” her voice becoming a sinister whisper.”*⁹ – by Monica Herrera

*“Having struggled with cutting since she was a preteen, Lovato admits, “I ended up with wounds to bind...and I just ran out of Band-Aids” on the hugely affecting ballad “Fix a Heart.” The piano confessional “For the Love of a Daughter” finds her picturing herself at age 4, begging her dad to “put the bottle down” and keep his “selfish hands” to himself. And then there’s “Skyscraper,” an anthem so honest you can hear her voice breaking.”*¹⁰ – by Melissa Maerz

Mas eu estou ficando de pé

Você pode tirar tudo o que tenho
Você pode quebrar tudo o que sou
Como se eu fosse de vidro
Como se eu fosse de papel
Vá em frente e tente me derrubar
Eu vou estar saindo do chão
Como um arranha-céu
Como um arranha-céu

Composição: T.Gad, L.Robbins, K.Koiv

⁸ Disponível em

http://www.billboard.com/biz/search/charts?f0=is_bmdb_track_id%3A1495332&f1=itm_field_chart_id%3A379&refine=1. Acessado em 15 de Julho de 2014.

⁹ “No ano passado, Demi Lovato enfrentou reabilitação e perdeu seu papel em um seriado do Disney Channel, sua imagem de princesa que todos querem ser foi abalada. Em seu terceiro LP, sua vulnerabilidade recém-descoberta por vezes contribui para boas canções: “Você se sentiria melhor ao me ver enquanto eu sangro?” ela desafia um ex (ou um público fixado nos tabloides) no dramalhão “Skyscraper”, com sua voz tornando-se um sussurro sinistro.” (tradução). Disponível em <http://www.rollingstone.com/music/albumreviews/unbroken-20110920>. Acessado em 15 de Julho de 2014.

¹⁰ “Tendo lutado com mutilação desde que ela era um pré-adolescente, Lovato admite: “Eu acabei juntando ferimentos... e eu corri para os Band-Aids” na balada enormemente afetiva “Fix A Heart.” A confessional ao piano “For the Love of a Daughter” a encontra imaginando-se aos 4 anos, implorando a seu pai para “colocar a garrafa no chão” e manter suas mãos “egoístas” para si mesmo. E depois há “Skyscraper”, um hino tão honesto que você pode ouvir a voz embargada.” (tradução). Disponível em <http://www.ew.com/ew/article/0,,20528172,00.html>. Acessado em 15 de Julho de 2014.

Com um novo álbum lançado e o buzz de um retorno da *rehab*, Demi Lovato sai em turnê, a qual seria acompanhada pela MTV e culminaria em seu documentário. Demi conclui que se sente feliz por poder voltar ao que fazia pois acredita que pode viver com mais responsabilidade e corrigindo erros do passado, no entanto, admite que cada dia é um avanço em sua recuperação, subindo um degrau na escada da autorrealização todos os dias. Nisso, fica evidente o deslocamento da saúde de um indivíduo na cultura pós-moderna: muda de pressuposto a um lugar a ser alcançado. Hoje todos são predispostos à doença e devem administrar-se para viver de maneira sustentável. A carreira permite pausas, mas seu tratamento, não. Sair da reabilitação representa o primeiro passo a uma nova vida à medida que a experiência durante o tratamento rendeu a Demi uma “inteligência afetiva” que irá ajudá-la a viver com mais qualidade (ILLOUZ, 2011).

Essa afirmação da autenticidade e o uso dos problemas, de modo geral, como ferramenta mercadológica, tanto em contra ou a favor do artista, podem ser observados na constatação de que muitas personalidades ficam eternamente marcadas pelos problemas que tiveram. Se Whitney Houston ficou associada à cocaína por causa de seu vício, Britney Spears à cabeça raspada num surto de bipolaridade, se Rihanna pela agressão física sofrida pelo ex-namorado Chris Brown e Michael Jackson pela vitiligo e acusações de pedofilia, Demi ganha espaço com sua automutilação. E as tatuagens em seu pulso com a frase “*stay strong*”, ao mesmo tempo que foram feitas para lembrar a estrela de que deve continuar forte, lembrarão os cortes. Mesmo que, a princípio, sejam o atestado da falha, se tornam o estandarte da superação.

Considerações Finais

O conjunto de mudanças que constitui a passagem para a Modernidade não só desconstruiu a ideia de que o nascimento definia o que alguém seria para o resto da vida, como criou a possibilidade de que esse alguém pudesse vislumbrar quem gostaria de ser. O sujeito tradicional, antes fixo e conhecido pela sua função na sociedade, passou a ser dotado de subjetividade e mobilidade, ainda que com certa estabilidade. Desenvolveu-se a ideia de que o esforço e disciplina podiam construir o sujeito. Nesse sentido, celebridade é o exemplo de sujeito que se autoconstroi e a personificação da

meritocracia pois, em alguma instância, precisou lutar pelo reconhecimento, manejou seu “capital de visibilidade”.

Num mundo caracterizado pelos fluxos cada vez mais intensos e recheado de pseudo eventos, Boorstin (1992) interpretou a celebridade como sintoma de uma mudança cultural caracterizada pela perda de substância e fascínio pela imagem. O autor ainda sugeriu uma mudança em nossa sociedade que partiu do surgimento de grandes homens para os grandes nomes. O herói, sujeito de moral sólida e grandeza baseada nos feitos realizados em prol da comunidade, se dissolveu e transformou-se no que conhecemos hoje por celebridade. Não se trata, portanto, de “ser grande” e sim famoso. A sociedade passa a ter suas referências não mais em heróis, mas nos célebres.

Para um herói, pouco importa a personalidade ou a beleza. Em tese, ele não luta pela sua imagem ou reconhecimento, mas por sua honra. Assim, à medida que as celebridades substituem os heróis, a imagem substitui o caráter e a cultura comercial substitui aquilo que é moral. Sem grandes preocupações com a existência de talento ou aptidão, “a celebridade é uma pessoa conhecida por ser conhecida” (BOORSTIN, 1992).

A fama das celebridades pode ser obtida através da mídia, onde articulam a sua visibilidade. Os pseudo-eventos, atividades ou eventos artificiais, incitados ou plantados para atrair a atenção do público, são ferramentas importantes na construção do célebre. Para Boorstin (1992), a Revolução Gráfica teve um papel fundamental na lógica dos pseudo-eventos, uma vez que democratizou a leitura e facilitou a propagação de informações impressas, mudando a percepção humana sobre o mundo, transformando o homem antes baseado numa comunicação oral e multissensorial num sujeito focado na experiência visual.

Se antes o leitor de um jornal se entediava com a leitura, automaticamente culpava o mundo por estar desinteressante. Com o desenvolvimento dos livros e, posteriormente, dos jornais, tornou-se cada vez mais difícil satisfazer o homem, agora, tipográfico porque este desenvolve uma crescente expectativa em receber grandes volumes de novidades. A culpa pelas notícias desinteressantes é, então, transferida aos jornais, que “se não puderem apurar notícias, devem confeccioná-las” (BOORSTIN, 1992, p. 9). As entrevistas surgem nesse contexto, pois nada mais são que conversas

incitadas para serem veiculadas na mídia e divulgar informações, muitas vezes, dispensáveis, porém que despertam a curiosidade e entretêm.

Demi Lovato é uma celebridade, um pseudo-evento encarnado, mas também uma artista, que compõe, atua e canta. Não se tornou famosa apenas pela exposição dos problemas, mas canaliza seu sofrimento e talento também em seu trabalho. Demi transita entre a celebração e uma espécie de nova forma de heroísmo.

O mundo contemporâneo jamais produzirá heróis nos moldes anteriores. Talvez os heróis clássicos deixaram de existir simplesmente porque o ambiente social propício a seu surgimento já não exista mais. Bombeiros e médicos são os heróis anônimos de nossa sociedade, mas só passam de simples profissionais a heróis quando seus feitos ganham espaço na mídia. A exposição nos impressos, nos programas policiais, nos portais da internet é que viabilizam o reconhecimento e legitimam o ato heroico.

Utilizei-me dos pseudo-eventos porque acredito que a cultura terapêutica soube espalhar-se por eles e se fortalecer, principalmente no gênero entrevista. Criou-se mais do que referências de beleza e moda, mas modelos de superação, cooperando com a dissolução de ideia clássica de herói, mas também reinventando a noção de heroísmo. Fugindo da figura grandiosa, mitológica e caminhando para uma nova configuração de herói pelo sofrimento. Bravo não é mais aquele que extermina monstros de lendas antigas, mas o que extermina os próprios monstros, que supera a si mesmo, os vícios, os sofrimentos da vida rotineira e é capaz de fazer uma boa gestão emocional de si. Desse modo, se configuram novos heróis da cultura contemporânea, fundamentalmente mais próximos do melodrama.

A reflexão proposta é a de que talvez a mídia, a televisão, a web 2.0 etc, sejam as novas plataformas para os heróis e não mais os contos épicos. Demi certamente se converteu numa heroína para seus fãs à medida que se inspiram não apenas em sua maquiagem ou roupas, mas em seus valores na busca pela autorrealização.

Referências Bibliográficas:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BOORSTIN, Daniel. **The image: A guide to pseudo-events in America**. Nova York:

Vintage Books, 1992.

HARPER, Stephen. Madly famous: narratives of mental illness in celebrity culture. In: REDMOND, Sean e HOLMES, Su (org.). **Framing celebrity: new directions in celebrity culture**. Londres: Routledge, 2006.

HOLLANDER, Paul. “A Vida como um Filme: Fama e Celebridade no Século XXI” In: **A Cultura da Celebridade Americana, a Modernidade e a Decadência**. 2011.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

KING, Barry. Stardom, celebrity and the para-confession. In: REDMOND, Sean (org.). **The star and celebrity confessional**. Londres: Sage, 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o Espírito do Tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REDMOND, Sean. Intimate fame everywhere. In: REDMOND, Sean e HOLMES, Su (org.). **Framing celebrity: new directions in celebrity culture**. Londres: Routledge, 2006.

ROSE, Nikolas. **Inventing ourselves: psychology, power and personhood**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.